

# O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

## SUMMARIO:

Os deputados catholicos no parlamento portuguez, pelo padre Senna Freitas.—SECÇÃO RELIGIOSA: *O Matrimonio*, continuação da Pastoral de S. Ex.ª Rev.ª o Snr. Bispo do Funchal; *Inspiração divina da Biblia*, por M. Philippe Coelho.—SECÇÃO SCIENTIFICA: *O homem-macaco* (continuação), pelo padre F. Sanches.—SECÇÃO HISTORICA: *O monumento ao marquez de Pombal, II*, por Elias de Sampaio; *D. Rodrigo de Moura Telles, arcebispo de Braga*, pelo padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—SECÇÃO CRITICA: *A offerta dos artistas bracarense á Virgem do Sameiro*, pelo padre Senna Freitas; *Coisas! Coisas!*, por um vimaranense.—SECÇÃO LITTERARIA: *Victor, ou Roma nos primeiros tempos do Christianismo*, pelo P. F. Gay, tradução do padre Lima (continuação).—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.—SECÇÃO PARA RIR.

GUIMARÃES 30 DE MAIO DE 1881

## OS DEPUTADOS CATHOLICOS NO PARLAMENTO PORTUGUEZ

Punge-nos não poderemos dispor de quasi tempo algum para dizer largamente d'este assumpto palpitante, sobre o qual já fallamos em tempo n'esta revista, sobre a epigrapha de «organisação de um partido catholico em Portugal.» A actualidade torna esse assumpto mais momentoso hoje do que então, a imprensa catholica ventila-o calorosamente, mas, em quanto não nos é dado discorrer de espaço sobre elle, como tanto quizeramos, uniremos ao menos o nosso brado de plena adhesão aos nossos correligionarios do jornalismo, que com a pujança dos que toem fé no futuro estão sustentando a alta conveniencia da união catholica dos portuguezes, em ordem a que possamos apresentar deputados nossos no parlamento, que fallem com destemor e pugnem pela manutenção dos interesses e dos direitos da religião n'este malaventurado paiz.

Sentimos sympathicamente com os propugnadores d'esse pensamento fecundo e de manifesta oportunidade, abundamos nas mesmíssimas convicções, enfileiramo-nos sob o mesmo lábaro unificador, queremos do fundo d'alma igual efusão religiosa, applaudimos alto e bom som os esforços enviados para conseguil-a. Bem haja o bretudo a *Ordem de Coimbra*, que com tanto vigor e sensatez tem advogado nas suas columnas a idea de um parti-

do catholico em Portugal para o fim apontado.

Não desalentem, porfiem *opportune et importune* os nossos jornalistas, metamos todos hombros á obra, que nada é impossivel á perseverança e a utopia d'hoje torna-se muitas vezes a realidade d'amanhã para os fortes que sabem tentar o impossivel dos pusilanimes.

Quando todos os interesses da patria toem uma voz nas camaras para vingal-os, é deploravel, é opprobrioso que só o maior, o mais collectivo de todos elles, o interesse na causa catholica, o não tenha.

O estado de crescente coacção e lundibrio a que se vê reduzida a Igreja portugueza torna impondente a medida a que nos referimos. Ou já não existem cronças entre nós nem zelo algum pelo bem da religião, isto é, ou nos é indifferente que o catholicismo seja lançado ás gemonias pelo tramar combinado dos nossos adversarios incançaveis (desertores da fé que beberam no berço), e que fiquemos condemnados á condição do antigo ilota ou do paria indiano, que nem goza da personalidade e dignidade inherentes a todo o ente humano, ou então a nossa apathia não se comprehende. A que miserimos preconceitos obedeceremos nós para não nos unirmos, como fazem os inimigos de Deus e da Igreja, de quem disse o Christo: «os filhos das trevas são mais prudentes que os filhos da luz»? Desanimamo-nos a pequenez do nosso numero? Seria um erro crasso, porque a massa do povo é catholica em Portugal, tirante a das principaes cidades, já sofrivelmente gafada. O que lhe falta é o impulso vigoroso e orientador de algumas intelligencias actuosas, para manifestar-se. Desalenta-nos o marasmo que

vai em muitos ou na maior parte dos membros do partido catholico n'este paiz? Pois trata-se precisamente de o fazer acabar. Saia cada um d'elle, por que só de si depende, e já em nenhum existirá. Não accusemos como doença geral e incuravel a doença de cada um, facil de ceder ao revulsivo de um pouco de bem querer corajoso.

Serão os escrúpulos da consciencia politica os que difficultam e tornam mesmo impossivel a realisação d'este *desideratum*? Enoja-me ter de suppor semelhantes escrúpulos e ainda mais o ter de discutil-os e convencel-os de inandade, tão alvarmente ridiculos e tão profundamente ineptos os acho.

Pois não se pode ser catholico sem se ser por força miguelista ou luizista? ou pezará sobre qualquer d'estes dois grupos politicos alguma excommunhão maior de *lata sententia*, para que não possam comunicar entre si nem dirigir-se o *passou bem* da civilidade? N'esse caso o primeiro a infringir a excommunhão teria sido o Papa. Condemna acaso a Igreja esta ou aquella forma politica, ou não terá declarado expressamente o contrario pela bocca do seu Chefe? Não será o proprio governo da Igreja um mixto de monarchia pura, de monarchia representativa e de democracia? Constitucional ou republicano, não está todo o verdadeiro catholico prompto a reprovar o que no seu mesmo partido se oppozor, levemente que seja, aos direitos, á independencia, á prosperidade da Igreja, nossa mãe common e por nós todos estremecida? Quo mais é preciso? Ainda quando houvesse ou haja uma certa inconsequencia em adoptar preferentemente uma politica menos favoravel á religião que outra, essa inconsequencia tinha lá nada

## Secção Religiosa

## O MATRIMONIO

PASTORAL DE S. EX.ª REV.ª O SNR.  
BISPO DO FUNCHAL

(Continuado do n.º anterior)

com a fé, ou poderia jámais significar divergencias que em nós produzem as n'um subdito sincero da Igreja, que se *opinões* politicas, unamo-nos no que é adopta quejanda politica *porque é me-* mais e muito mais que opinião, no nos sympathica á religião e não *apezar* campo das *crenças e dos interesses* cada sel-o? Ninguém ha ahí de mediano *tholicos*, os mesmos para todos quantos senso communum que desconheça o as- professamos o mesmo Credo; e vamos condente enorme que podem exercer á urna, legitimistas, constitucionaes, ou no homem, pura o fazer propender pa- republicanos, lançar o nosso voto para ra tal ou tal partido, a educação, as que conseguimos ter finalmente no par- tradições de familia, o meio social em lamento portuguez homens convictos e que se nasce e vive, os beneficios re- corajosos que pleiteem a nossa causa, e cebidos, etc., outros tantos motivos, se- cesse por uma vez este estado de anes- não objectivamente pelo menos sub- tesia moral, ou de resignada e parvoa jectivamente respeitaveis, que a cari- passividade que tanto se parece com a dade não sabe menosprezar nem inter- morte.

pretar com o criterio de uma intole- rancia cega e barbara, que nada faz nem deixa fazer.

Qual é o grande alvo ou a aspiração *predominante* de nós todos, catholicos que nos ufanamos de ser? E' a politica ou a Igreja? A Igreja, o que equivale a dizer, o catholicismo. Então não nos enfraqueçamos, fraccionando-nos. Divi- damo-nos embora nas crenças partida- rias, adunemo-nos, porem, todos na unidade catholica; aproposemos na nossa acção os elementos aproveitaveis que se nos depara em cada partido e alarguemos assim a esphera dos nossos recursos, a medida das nossas forças na consecução do fim commun. Não façamos da causa catholica o monopólio exclusivo de alguns, o que é uma idea tola, senão o interesse, o manci- pio, o movel, o negocio de todos.

Não sejamos tão bordalengos que não vejamos que ou havemos de remet- ter-nos á inercia dos mortos, ou fazer religião no *reino da luz*, ou operar con- soante os recursos da sociedade actual, unicos de quo podemos dispor. Não le- vemos a illusão a ponto de querer *bon gré malgré* mover o carro social em di- recção ao termo a que aspiramos, com o mechanismo emperrado e esquirola- do de ha cem annos, posto fóra de ser- viço, mas com as moças que a politica contemporanea nos offerece, embora não sejam talvez tão solidas. Quem não en- tende isto, quem não vê isto, não me- rito da sua estolidez porque a caridade christã m'o prohibe, comtulo lamento- o como se pode lamentar um monoma- niaco ou um idiota incuravel.

A verdadeira religião não passaria de um systema humano, tão caduco como outro qualquer, se só podesse ac- climar-se n'um certo ambiente politico ou se carecesse absolutamente d'esta ou d'aquella forma civil para operar e desinvolver-se. O que está acima da humanidade domina-a, abraça-a, não depende das suas peripeccias; accommo- da-se a todas porque com todas é compa- tivel e assim como não nasceu de nenhuma d'ellas, nenhuma lhe pode ar- rancar a vida.

Posto isto, abstrahindo de todas as

Em quanto o não fizermos, podemos dizer que nada temos feito e que con- tinuamos a ser o joguete automatico dos Machiaveis dos ministerios anti-catho- licos. Alente-nos e decida-nos o exem- plo da França, da Belgica, da Alle- manha, da Hespanha, que já chega- ram, a poder de energia, a obter uma verdadeira autonomia religiosa nos seus parlamentos; acabemos por uma vez com esta inercia de brahmas, com esta imobilidade de ostras agarradas eter- namente no rochedo de umas caturrices fossais e de uma politica esterilizadora não menos que intolerante.

A crise é solemmissima. A epocha das eleições aproxima-se. Tracta-se de vivermos ou de sermos esmagados, se é que podemos sel-o ainda mais. Pe- rante Deus e a nossa consciencia en- tendemos que sobre todo aquelle que estiver na attitude de coaljuvar a de- sejada união dos catholicos portuguezes e preferir cruzar os braços, ou a con- traminar por insinuações perfidas, *peza uma tremenda responsabilidade*.

Acudamos ao appello do jornalismo catholico de todos os matizes politicos. A *Ordem* mais que nenhum outro pe- riodico tem dissertado larga e compe- tentemente sobre o assumpto; d'aqui lhe batemos as palmas. A *Civilização Catholica*, de que é eximio redactor o dr. Luiz Maria Ramos, affirmou as mesmas ideas da *Ordem* no bello arti- go prefacial do seu ultimo anno. A *Palavra* por vezes tem advogado iden- tico pensamento e isto desde o 2.º an- no da sua existencia. O *Commercio do Minho* tem fallado no mesmo sentido ou extratado artigos referentes ao alvitre da organização de um partido catholico em Portugal. O *Progresso Catholico* já a elle consagrou as suas columnas e ago- ra o faz de novo. Toda a imprensa reli- giosa forma um côro unisono para advo- gar em altos brados esta fecunda idea de unificação. Engano-me. Falta a *Na- ção*. Essa nada tem dito nem provavel- mente dirá. Assim devia ser!...

Caza do Outeiro.

P.º SENNA FREITAS.

Um de seus planos foi a annullação do matrimonio de Jeronymo Bonaparte, que ainda joven tinha casado na Ame- rica, a fim de lhe procurar um enlace condigno á posição real em que ia col- local-o. Pio VII, esse sancto e valoroso Pontífice, que tanto soffreu das prepo- tencias do Cesar, respondeu-lhe com uma negativa formal, prevendo não obs- tante as cruéis perseguições que se se- guiriam. «Não poderíamos, diz o inclito Pontífice, pronunciar um decreto que não fosse conforme ás regras da Egreja, e ser-nos-hia impossivel fugir d'es- sas leis, declarando a nullidade de um matrimonio que, segundo a declaração de Deus, nenhum poder humano pode- ria dissolver.» (1)

Aquelle, diante de quem se curva- ram todos os potentados da terra, não quiz escutar a voz do Vigario de Chris- to, e encontrou no seu imperio quem obedecesse a seus caprichos em despre- so da Egreja; porém, mais tarde, quan- do a mão da Providencia, que o guiara nos primeiros annos, o abandonou, veio confessar que o primeiro poder do mun- do, ante o qual todos são obrigados a curvar a fronte, é o representante de Jesus Christo.

Os concilios, quer geraes, quer par- ticulares, proclamaram sempre a dou- trina da Egreja no ponto que nos ocu- pa, e seria longo referir seus decre- tos. Basta apenas recordar, que o de Florença condemnou o costume dos gre- gos de quebrarem os laços do matri- monio, e o de Trento ferio com o ana- thema os protestantes e sua fatal here- sia, como em breve demonstraremos. Se estas veueraveis assembléas não invadiram jamais os direitos civis dos imperantes, que alli tambem se faziam representar, ou pessoalmente compare- ciam, para dar maior força a suas deci- sões, nem por isso transigiam nos pon- tos de direito, assegurando sempre á Egreja o que só a esta competia.

Os effeitos civis do contracto sejam regulados pelas leis do Estado, mas quanto respeita ao sacramento seja uni- ca e exclusivamente a cargo da Egreja. Assim tem sido e assim é, como vere- mos.

Consultando a aurca cadeia da tra-

(1) Darrás—*Histoire gener. de l'Eglise*.

dicção ecclesiastica, que é a segunda fonte da verdade divina, ensinada por Jesus, encontramos sempre, em todos os tempos e em toda a parte, apreguada e unanimemente professada a crença na divina instituição do matrimonio.

Esses veneráveis escriptores e doutores, que mereceram ser denominados Padres da Igreja, os escriptores ecclesiasticos, theologos, interpretes e commentadores dos livros sanctos, liturgias e rituaes de todas as egrejas são unanimes n'este ponto.

Quando se referem ás nupcias entre os christãos dizem sempre que n'ellas intervinha o sacerdote com annuencia, conhecimento e licença do Bispo; que as benções sagradas eram penhor da fidelidade entre os esposos; que a esse acto religioso andava annexo o dom copioso da graça sanctificante, como em todos os outros sacramentos, assegurando n'este a unidade e a indissolubilidade do laço conjugal, a sancta união dos dois conjuges sob as vistas do Senhor e a força para levar a cruz da vida e educar pia e christãmente os filhos.

Logo nos tempos apostolicos se nos depara o testemunho claro e potente de S. Ignacio, martyr, discipulo que foi do apostolo S. João, depois Bispo de Anthiochia e martyrisado em Roma no anno 107, por mandado do imperador Trajano. Convém, diz esta veneravel authority, que os esposos vão contrahir matrimonio com despacho do bispo, por força do qual as nupcias são feitas segundo a vontade de Deus e não dirigidas pela cubica. (1)

Apresentavam-se os nubentes para receber as benções perante os presbyteros, como diz Clemente de Alexandria. (2)

Tertulliano allude ao rito ecclesiastico da administração d'este sacramento quando escreve: «O qual (matrimonio) a Igreja une, a oblação o confirma e a benção o consigna. (3)

S. Ignacio, referindo-se ao casamento do leitor diz: «Deve unir-se tão sómente áquella mulher que tomar por esposa ante o sacerdote que lhe ha-de dar a benção commum. (4)

S. Cyrillo de Alexandria, commentando a passagem do evangelho em que se narra a assistencia de Jesus ás bodas de Caná, assim discorre: «Christo convidado com seus discipulos veio ás nupcias não tanto para banquetear-se, como para fazer um milagre e assim sanctificar este principio da geração humana, o que pertence certamente á carne. Comparecia alli não só para dar

uma benção aos que já tinham nascido, por isso mesmo que vinha renovar toda a natureza humana, mas tambem para antecipar a concessão da graça aos que haviam de nascer e assim tornar-lhes sancto o nascimento. (1)

Discorrendo pelos tempos fóra encontramos depoimentos cada vez mais frizantes em todos os outros escriptores, e seria demasiadamente longo e, supomos até, ocioso citar trechos de Origenes, S. Gregorio de Nazianzo, Santo Isidoro de Sevilha, S. Leão Magno, Santo Ambrosio, Santo Agostinho e de muitos e muitos outros, egualmente sabios e respeitaveis.

Os theologos catholicos não são menos positivos sobre este momentoso assumpto, podendo os estudiosos consultar os que tiverem á mão, na certeza de que desde Hugo de S. Victor até Santo Thomaz d'Aquino, o doutor angelico, abundantemente encontrarão argumentos irrefutaveis da verdadeira doutrina christã acerca do setimo sacramento da Igreja.

(Continúa).

## INSPIRAÇÃO DIVINA DA BIBLIA

Dizia S. Paulo aos fieis de Roma, que assim como o corpo humano é formado de muitos órgãos e não tem todos a mesma acção, assim tambem somos muitos a organizar um só corpo com Jesus Christo, e todos nos tornamos reciprocamente membros uns dos outros, exercendo differentes funcções segundo a differença da graça, que nos é concedida (2). E bem se patentea esta verdade nos diversos emprehendimentos catholicos, iniciados por uns, fecundados por outros e protegidos por muitos. Paulo planta e Apollos rega; todavia nem um nem outro valem nada, se Deus lhes não pôe a virtude e o incremento (3). Bem vindos sejam para todos aquelles que podem ser olhados como instrumentos da Providencia na realisação de obras grandiosas e saltares. Veneremos e sigamos aquelles que, animados d'um zelo piedoso, trabalham por salvaguardar e desenvolver as verdadeiras condições religiosas e moraes do homem e da sociedade. Sacratissimo dever é prevenir ou desterrar para bem longe ideias que tentem subverter esta ordem. N'estes intuitos lida a *Imprensa Catholica*, que podemos considerar como um dos muitos porventura mais valiosos membros do corpo de Christo.

O supremo Pastor da Igreja, o he-

roico e immortal Pio IX, disse, ha alguns annos, a uma luzida assembleia que lhe fóra presentar seus protestos de amor e adhesão, que a Igreja tinha n'esse tempo a combater não heresias, porque as não havia, ou eram de pequena importancia, mas sim a impiedade e a indifferença. Pois infelizmente estas duas gravissimas calamidades ainda hoje se esforçam pela vida, estes dois caucros ainda hoje corroem a sociedade. Eis um dos casos a que se amolda a sentença do divino Mestre—*quem não fór commigo, é contra mim; e quem não ajuntar commigo, tenha a certeza que espalha.* (1) Não foi de balde que o Auctor da natureza dotou o homem com facultades ou potencias. N'ellas está gravada a sua lei, que é a do exercicio, a do trabalho. Tambem não foi em vão que Deus alem dos conhecimentos naturaes da razão, da consciencia e dos sentidos, nos revelou sobrenaturalmente outras verdades do infinito thesouro da sua sabedoria. Quiz promover e auxiliar a perfeição do homem. Aquellas potencias são riquezas, que sem o devido uso equivalem a terra sem fructos, a órgãos sem vida, ao mundo sem contemplador. A immobilidade das riquezas gera a pobreza propria e a alheia. No Evangelho um servo diz a seu amo—*Senhor, por minha industria os vossos 5 talentos renderam somma dobrada*—E o amo responde—*Muito bem, meu servo, muito bem: pois mais te hei de confiar e partilharás dos meus regalos.*—(2) O impio insurge-se contra a sua propria natureza e contra Deus. E aquelle que permanece indifferente ás verdades catholicas não é com Christo, é contra Christo, não ajunta com Christo mas com o demonio espalha, confunde, debilita e mata. Pelo mesmo theor o indifferentismo religioso é uma revoltante affronta á dignidade humana e á moral, e tanto mais quanto as necessidades sociaes reclamam actualmente o imperio e suprema auctoridade dos dogmas.

Como soarà a cada um dos leitores o afirmar-se — tanto importa conhecer e praticar a verdadeira religião e moral como não — tanto vale conhecer bem como mal ou ignorar taes verdades; adoral-as ou escarnecel-as; que prosperem ou decaiam? Que? indifferente a que se creia ou não em Deus? a que se acatem ou vilipendiam os principios da justiça, os direitos e os deveres? a que as intenções sejam rectas ou fraudulentas e a que o vicio prevaleça contra a virtude?

Ora, para derreter este gelo do indifferentismo em religião, para dar calor e energia aos homens affectados de tão fatal indolencia possuímos, por graça

(1) Epist. ad Polycarp.

(2) Liv. III Paedagog.

(3) Lib. II. *Ad uxor.* cap. 7.

(4) Lib. *Sacrament. S. Gregorii Papae.*

(1) Epistol. rom. pontif.

(2) ad Rom. 12-4 e 5.

(3) ad Cor. 3-7.

(1) Math. 12-30.

(2) Math. 25-20.

de Deus, muitos agentes, entre os quaes sobresae a leitura e meditação dos livros sagrados, mormente os do Novo Testamento. Possuem elles o singularissimo privilegio da inspiração sobrenatural.

Entre outras cousas prescreve S. Paulo a seu discipulo e bispo Timotheo, que dirija seus actos pela norma da Escripura do Antigo Testamento, que desde a infancia apprendera, pois que *toda ella é divinamente inspirada e util para ensinar, arguir e corrigir o homem de modo a tornal-o perfeito e sempre disposto para o bem e para Deus.* (1) Observa-se que esta affirmação da inspiração divina dos livros da antiga alliança é mais directa e positiva no original do que na Vulgata Latina. Michaelis e Le Clere interpretam erradamente o original grego e mesmo a Vulgata, porque lhes attribuem o seguinte sentido—qualquer escriptura, sendo divinamente inspirada, é por isso mesmo util para a perfeição do homem, etc.

Do mesmo modo S. Pedro declara que *nenhuma propheta do Antigo Testamento fôra feita por iniciativa da intelligencia e vontade do homem, porque os prophetas, esses santos de Deus annunciaram suas prophecias sob a inspiração do Espirito Santo.* (2) Interrogae hoje mesmo os Judeus e elles proclamam a crença na theopneustia dos seus livros como uma antiquissima e religiosissima herança. Louis Figuier na sua—Terra antes do diluvio—expressa-se assim—Moyses, le legislateur inspiré—Apraz-me citar igualmente uma passagem d'outro poeta nosso, que até uma idade bastante provecia sempre verteu poesia. Fallo do nosso celebre Filinto Elisio, que em uma carta, dirigida de Paris em 6 de junho de 1790 a um Brito, escreveu as seguintes palavras—Arrehatam-me as elevadas expressões dos canticos da Biblia, que excedem quanta humana poesia hoje se admira. Que gosto fôra o meu se os bons poetas se lançassem a imital-a!... E que alterosa não blasonaria a lingua, que mais cabedal d'essas affoutas e levantadas expressões enthesonrasse!... Deixemos certas almas acanhadinhas estre-munharem-se de ouvir dizer a um dos mais sublimes vates que o mundo viu *«Em sangue embriagarei as minhas setas; carnes tem de tragar a minha espada.»* (3) Contentar-nos-hemos com dizer-lhes que o vate foi Moyses e que foi Deus quem na bocca lhe inflamou as duas phrases; e que essa feliz affoiteza é o que os poetas de alto bórdo chamam—estalar da pedra do sublime engenho versos ferindo fogo—. Mas é prin-

cipalmente sobre os livros santos do Novo Testamento que se devem fixar as nossas atenções e intelligente leitura, pois que elles nos exhibem quasi em cheio toda a realidade historica e doutrinal do christianismo.

A inspiração, consoante a sua etymologia, significa um sopro interior. Nos corpos organicos opera-se a aspiração d'uma certa quantidade de ar atmosferico, de que o sangue ou seiva se apropria, seguindo-se logo uma branda e subtil ejaculação gazosa que deixa a mesma seiva ou saugue refeito e purificado. Ao primeiro d'estes dois phenomenos, que constituem a respiração, chamam os physicos inspiração e ao segundo expiração. Dizem mais que a vida do homem começa por uma inspiração e acaba por uma expiração. Alem d'esta inspiração physiologica ha outra psychologica.

Quando tu, sentado no alto da collina, contemplavas o espesso arvoredo, que com pés firmes e meneando o enramado collo parecia entretido em amovavel conversa ou um corpo de baile, preparando-se para a dança: quando te observavas d'ahi o crystalino arroio, que, deslizando sonoro por entre esmeraldas, expedia um beijo á avesinha, que lh'o pagava em melodioso trilho, e um outro á pudibunda e meiga violeta, que lhe entornava aromas; mais alem o fiel e impavido rafeiro que cresce em torno da lanigera grei como altivo bahuarte contra as carnivoras feras; e no fundo do valle as louras messes brincando com os doudejantes zephiros, e ao lado a tosca choupana, onde mora entre alegrias, innocencias, virtudes e felicidades o rei d'esta criação; quando tu contemplavas o formoso astro do dia, que com seus rutilantes fulgores redolera a luxuriante e risonha natureza, ou o astro da noute que com seu doce pal-lor vibra as cordas mais eternecidas da alma, caiste n'um profundo scismar e n'um profundo e intimo sentir, foi a pittoresca paizagem que te inspirou os discursos que te vam d'entro.

Pode tambem no homem existir um mobil ingenito de inspiração. Este mobil é o genio, esse fecundo e extraordinario poder de observar as cousas mais superiormente, essa faisca mais viva da razão divina na razão humana que penetrando os seios da natureza lhes conquista as leis dos phenomenos e seus mais reconditos segredos. Revela-se esta inspiração no artista todas as vezes que sua obra representa o bello ideal; no philosopho quando aprofunda os conhecimentos mais importantes e resolve vantajosamente os problemas da humanidade; no poeta quando estuando-lhe o fogo da imaginação, promette em engenhosas ficções, em pensamentos arrojados, em belleza de com-

parações, usando sempre d'uma linguagem animada e florida, que nos recreia e enleva; no orador quando, pela elevação dos seus conceitos, pelo calor de seus nobres sentimentos, por seus exemplos tocantes, com suas imagens sublimes e primores de elocução arrebatada os corações dos ouvintes; no estadista quando este por um systema bem combinado desenvolve as forças vitaes do paiz, concerta todas as provincias da publica administração e produz a riqueza e prosperidade no interior e o bom credito e respeito no extertor; no general emfim quando pela certeza de seus calculos e estrategia de seus planos, pela boa organização e disciplina de suas forças, pelo estudo do inimigo, oportunidade e energia d'acção conduz seus exercitos á victoria dos combates. Onde scintilla o genio reina a inspiração. Mas esta inspiração de que venho fallando é toda natural por se verificar em condições puramente naturaes.

Pelo contrario a dos livros do Antigo e novo Testamento foi verdadeiramente miraculosa e extraordinaria. Consistiu ella em o Espirito Divino suggerir á mente dos escriptores as verdades e factos que constituem a materia biblica e ao mesmo tempo mover-lhes a vontade para os escrever.

Não se irroque censura por se enectar a demonstração d'este phenomeno em a nova alliança pelos testemunhos dos respectivos agiographos. Porque não havemos nós de dar credito a homens, cuja capacidade, sciencia dos factos e probidade é attestada não só por auctoridades alheias, mas transluz claramente das suas obras? Jesus Christo a fim de tornar seus Apostolos instrumentos vigorosos da pregação da Boanova e para os não deixar orphãos sem abrigo, diz-lhes—*coragem, porque virá apoz de mim outro consolador e mestre, o Espirito da verdade, que será constantemente dentro de vós e junto de vós. Elle vos ensinará e suggerirá tudo quanto houverdes de dizer.* (1) N'outra occasião falla-lhes o divino Mestre assim—Tende animo! quando vos conduzirem prezos perante qualquer auctoridade ou tribunal não vos dê cuidado a vossa defeza, porque em tal conjunctura o Espirito Santo fallará por vós. (2) Jesus Christo promette e não podia fallar; por isso cincoenta dias depois da resurreição de Christo o Espirito Santo desce por modo sensível a infundir-se nos Apostolos, reunidos no cenaculo em Jerusalem. D'ora ávante purificados n'aquelle grande fogo de amor e de graças, resplandece-lhes já a sabedoria em vez da ignorancia, a timidez converte-se em affoiteza, suas linguas de

(1) ad Tim. 3-16.

(2) II Epist. 1-20 e 21.

(3) Deut. 32-42.

(1) João 14-16 e 26.

(2) Math. 10-19.

barro tornam-se do mais fino ouro. O zelo, a unção e a eloquencia saem a jorros de seus peitos e labios divinamente hafejados. Pulsa n'elles uma só alma e um só coração, o de Christo. Pois havia de soltar-se a corrente da inspiração sobre os Apostolos quando fallavam, e suspender-se na hora em que erguiam um monumento glorioso e perpetuo da vida e prêgação do Messias? Por consequencia ou fallam ou escrevam, ensinem o Evangelho de viva voz ou por escripto o Espirito inspirador será sempre dentro e junto d'elles.

(Continúa)

M. FILIPPE GOELHO.

## Secção Scientifica

### O HOMEM-MACACO

(Continuado do n.º 13)

Entrando agora mais a dentro n'este terreno ouriçado de difficuldades, o melhor methodo, creio eu, de chegar a uma refutação decisiva e clara é redt-zir a questão a um problema de *psicologia comparada*.

Porque, pondo em paralelo as faculdades do animal e do homem, o espirito mais facilmente reconhecerá se as differenças entre umas e outras são simplesmente de quantidade ou grao ou de essencia e qualidade.

É principiando pela razão, vamos vêr que a realza do homem sobre todos os seres da natureza não é uma phrase banal, mas um direito indiscutivel, porque só elle possui aquella sublimidade.

Os conhecimentos humanos não se limitam ao contingente, isto é, aos phenomenos phisicos que percebemos pelos sentidos e a certas modificações presentes ou passadas da nossa alma, que percebemos pela consciencia e pela memoria.

O nosso espirito tem tambem a faculdade de se elevar á concepção do *necessario*, isto é, do que não pode deixar de existir,—o *ser*, a *unidade*, o *infinito*, o *absoluto*, o *universal*, a *verdade*, o *bello*—; e bem assim de conhecer as relações que existem entre certas idéas,—como a relação de igualdade que existe entre a idéa d'um *todo* e a da *somma de todas as suas partes*—.

Ora isto é o que os philosophos chamam razão, facho que allumia o espirito e serve de guia á vontade.

Consequentemente definem idéa da razão pura, aquella concepção, parte tão essencial da razão humana, que um espirito privado absolutamente d'ella não teria os foros de ser racional.

É na verdade, ha noções que o homem poderia não ter, sem que por isso

deixasse de ser dotado de razão. Assim, um surdo e um cego de nascimento, por não terem idéas de som e de côr, não deixam de ser racionais. O contrario succederia com as idéas de espaço, de tempo, de causa, de bem, de unidade, etc.

Agora pergunto eu; o animal tem alguma d'estas concepções?

Onde está o unico acto que as accuse?

O animal percebe o contingente, conhece os objectos phisicos, tem alguma consciencia do que experimenta, recorda-se do passado; mas o animal vive no tempo e no espaço e não concebe o tempo e a sua medida, nem sonha com o espaço infinito; vê o firmamento e os astros e não tem a mais simples idéa de seus movimentos regulares; vê objectos mas não descobre a unidade e o numero, que é um conjuncto de varias unidades. E se não, dizei-me: já vistes o animal praticar a astronomia e a arithmetica? Perdão que me esquecia:

•C'um leão feroz, certa novilha e cabra,  
Com sua irmã a ovelha,  
Dizem, que outr'ora outraram em partido,  
Pondo em commum os ganhos, mais as perdas.  
Na arnadilha da cabra  
Cabiu prezo um veado.  
Chama ella os socios; e elles vindos, conta  
O Leão pelas unhas:  
•Somos quatro (lhes diz) para as partihas.  
(E parte o veado em quatro.)  
•A mim, como a senhor, cabe a primeira:—  
•E eu sou leão; não ha que replicar-me.  
•Por certo jus tambem tomo a segunda.  
•Bem sabem, que esse jus é o do mais forte.  
•Por mais valente cabe-me a terceira:  
•E quem tocar na quarta,  
(Coitado d'ello) torço-lhe o gamete.

Sim, o animal se algum dia fez *conscientemente* a divisão foi para á idéa de justiça oppôr a lei do mais forte, ao dever a satisfação de seus insaciaveis appetites, ao direito o *quia nominor leo*. E' assim que elle concebe o bem. E o rouxinol, com a sua dupla larynge tão bem conformada para o canto, se tivesse a mais simples noção do bello, como não variaria ao infinito as melodias de seus gorgeios? E o castor das margens do Rhodano, em vez de covas para habitação, construiria as suas moradas com mais gosto e arte, á maneira dos seus irmãos do Canadá.

Mas se o animal é completamente privado d'aquellas idéas que são o producto exclusivo da razão, conhecerá por ventura o encadeamento das causas e effeitos?

Então porque não alimenta e entretém o fogo que o aquece; porque não semeia as plantas de que se nutre; porque não ensina aos filhos as lições que lhe damos, ou porque os descendentes não aperfeçoam o trabalho de seus antepassados?

Na verdade, só o homem é capaz de

assimilar a obra de seus predecessores, de aproveitar os seus esforços e os conhecimentos que adquiriram, de progredir pela comparação, pela reflexão. Os monos, por maior que seja a intelligencia que se lhes conceda, são ainda hoje o que eram quando pela primeira vez vieram á luz do dia. Em vão as gerações se tem succedido ás gerações; hoje como outr'ora só sabem obedecer aos seus instinctos brutacos, ás necessidades da sua vida material; e tudo leva a crêr que, se a vida dos macacos se prolongar ainda por milhares d'annos, serão o que são hoje e o que foram sempre.

E ainda não poderemos concluir que o animal é um ser por natureza irracional?!

O animal porém raciocina, dizem. Um exemplo entre muitos: As abelhas temem uma grande borboleta, a sphinge, muito golosa de mel, que procura introduzir-se nas suas colmeias. O seu corpo vellosa e coberto de finas escamas, não recebe as picaduras.

Que fazem então as abelhas?

Estreitam a entrada da colmeia de modo que a sphinge não possa penetrar, e, logo que passa a epoca d'estas importunas, restabelecem a primitiva sahida.

Mas aqui, como n'uma infinidade de casos analogos, não ha raciocinio, mas simplesmente o instincto da conservação. E se não vejamos.

O raciocinio, tal como se manifesta á nossa consciencia, é aquella operação do espirito pela qual um juizo é inferido d'outro juizo servindo-nos d'um juizo intermedio. O espirito compara duas idéas e por meio d'uma terceira percebe a sua mutua relação. Ou de um principio tira uma consequencia, ou dos factos particulares se eleva ao conhecimento das leis. Induz ou deduz. Formulado ou não, expresso ou mental, o raciocinio é isto. Suppõe por isso necessariamente idéas geraes e estas a faculdade de abstrahir.

Ora, até os mais afamados coripheus do positivismo confessam e declaram que só o homem possui a faculdade de abstrahir e de generalisar, origem necessaria da linguagem articulada e da invenção; d'onde se segue que a alma do animal é incapaz de raciocinar. Vejamos no entanto o que d'esta mesma asserção de Robin e Littré conclue Moigno:

•A alma do animal não abstrah, não generalisa, não possui o maravilhoso instrumento chamado linguagem articulada ou escripta, não inventa; logo differe essencialmente, qualitativamente, da alma do animal. E' verdade que Robin e Littré accrescentam: «O homem selvagem só possui n'um grao infinitivamente pequeno este quadruplo

poder, e isto mostra a transição entre as duas razões.»

Mas esta restricção é vã; porque todos reconhecem que, se o poder de abstracção é actualmente pequeno no selvagem, é-o accidentalmente, ao passo que é nullo essencialmente no animal. . . É sempre a relação entre o finito e o zero absoluto, ou o infinito, que o tempo, o espaço e os meios mais favoráveis, nunca farão superar. A raça humana mais inferior e mais degradada pode chegar á generalisação, á abstracção, á mais perfeita linguagem articulada ou escripta, á invenção, o que sempre será interdito ao animal, que mais se avizinhe do homem; logo a relação entre o animal e o homem é a relação do *todo* para o *nada*.»

Tenho cá os meus barruntos que só quem usar de autólhos é que não aceita as conclusões de Moigno. Seja como for, ellas ahí ficam claras como a luz do meio-dia. N'outro tempo, em que eram moda as nebulosidades allemães, podia explicar-se a repugnancia que ha em as aceitar, por serem evidentes; mas hoje em tempos de chato e chilro positivismo. . .

(Continúa).

P.º F. SANCHES.

## Sessão Historica

### O monumento ao marquez de Pombal

11

Pela transcripção que fizemos em o n.º 12, da sentença proferida pelo tribunal ou junta da inconfidencia, viram os leitores que a responsabilidade de tão barbara determinação, coube, como diz o snr. Pinheiro Chagas, ao dito tribunal, e por isso, coube, dizemos nós, ao seu presidente Sebastião José de Carvalho e Mello. Demonstrado está, pois, que o *benemerito* marquez, a quem a maçonaria portugueza e o partido liberal portuguez, pretendem levantar uma estatua e fazer pomposas festas em nome da liberdade, por occasião do centenario de sua morte, não fôra mais que um tyranno, um despota, um homem com instinctos de fera carnívora. E demonstrado fica tambem, que os liberaes portuguezes, não são mais que sectarios do mais horroroso despotismo, os mais encarnicados inimigos da liberdade. Prova-o o que dissera o snr. Pinheiro Chagas, membro da commissão liberal que hade promover os festejos, e prova-o mais ainda o que o mesmo notavel historiador escrevera na pagina seguinte, e que nós, com a venia devida aqui vamos transcrever, sendo esta transcripção a

### Segunda pedra para o monumento que o Progresso Catholico ergue ao grande marquez de Pombal:

«Rompeu a manhã, fria e nebulosa manhã de janeiro. O povo apinhava-se nas ruas e praças de Belem, correndo a contemplar este horroroso espectáculo com a avida e sinistra curiosidade, que manifesta sempre n'estas occasiões. Já estavam a postos as tropas, e as patrulhas de cavallaria rondavam por toda a parte, não só em Belem, mas em todos os bairros da cidade, reconhecendo e apalpando os transeuntes e principalmente os embuçados. No crepusculo lugubre d'essa manhã d'inverno, crepusculo que ainda se tornava menos luminoso por causa d'um eclipse da lua que principiava ás seis horas e tres minutos da manhã, e que só terminava ás oito e quarenta e sete minutos, fazendo d'esse modo com que os ultimos esplendores do astro nocturno não substituissem no horisonte os primeiros e deveis clarões da madrugada, n'esse torvo crepusculo, na sombra da noite mal cortada ainda pelo tenue alvorecer, erguia-se, como um espectro, como a phantasmagoria d'um sonho máu, o vulto sinistro do immenso cadafalso, que tinha sete palmos d'altura, trinta e seis de comprimento, e de largura vinte e sete, com a sua escada larga, munida de corrimões, com as rodas e as aspas, que deviam servir ao supplicio. No rio, junto ao caes, via-se uma barca, cheia de lenha e de barris d'alcatrão. Os instrumentos dos variados supplicios formavam um atroz conjunto, que devia horrorisar quem os contemplasse.

Eram seis horas e quarenta e dois minutos, quando subiu o panno para essa hedionda tragedia. Abriu-se a porta do pateo, e saiu primeiro um destacamento de dragões, depois a cavallo os ministros do crime dos diversos bairros de Lisboa, e o corregedor do crime da côrte e casa, todos com as suas tolgas negras ou de capa e volta, depois a sinistra cadeirinha, forrada de preto, e de cada lado um padre da congregação das missões de S. Vicente de Paulo. Fechava o prestito outro destacamento de dragões. Chegaram ao cadafalso; os ministros do crime formaram em torno d'elle um lugubre circulo, com as suas roupas negras.

A cadeirinha parou, e a marqueza de Tavora apeiou-se. Não lhe tinham consentido que mudasse de fato, durante o tempo todo da sua prisão, e a triste senhora apenas poderá envolver n'uma capa atvadia o seu vestido de setim azul escuro, e o lenço do pescoço. Ao apeiar-se, parou n'um dos degraus da escada, e confessou-se. Eram sete horas e trinta e quatro minutos quando se levantou,

e subiu o resto da escada com rapidez como quem desejava acabar depressa a vida e esse doloroso lance. Não consentiam porém tanta pressa os requintes ferocissimos dos algozes. O carrasco, e os seus dois ajudantes, tinham o fato envolto em capas negras, e na cabeça um gorro tambem negro. Assim a receberam juntamente com o meirinho, e fizeram-n'a percorrer o cadafalso em todo o seu ambito, mostrando-a bem aos espectadores para que todos a reconhecessem. Faltava porém o supplicio mais cruel, que não fôra consignado na sentença e que aniquilava comtudo completamente os effeitos da lingida clemencia, que os juizes mostravam ter sentido, pois que substituiu aos padecimentos physicos uma insupportavel tortura moral. O algoz, mostrando-lhe vagarosamente os instrumentos de supplicio, disse-lhe para que serviam, descreveu-lhe com uma minuciosidade revoltante os seus diversos effeitos, e emfim, para completar esta descripção feroz, disse-lhe porque modo haviam de morrer seu marido, seus filhos, e todos os seus suppostos cúmplices. São da consciencia humana um brado d'indignação quando lêmos esta pagina horrorosissima da nossa historia! Que torpe e cruel imaginação a que se compraz em inventar uma tão infame tortura! Como este castigo inaudito viola todas as noções da moral, e da justiça, como fere os sentimentos mais sagrados do coração do homem! Que barbaresco deleite! Que requinte de crueldade! É esta punição que uma sociedade civilisada e christã impõe aos que se revoltam contra as suas leis? ou é antes a vingança atrocissima d'um selvagem, o instincto bestial da fera revelando-se inesperadamente na humanidade, transportando para o mundo moral essa bruta delicia com que o animal silvestre se compraz em dilacerar as carnes, em verter o sangue, em esmigalhar os ossos da victima que se debate nas contorsões da agonia, e cujos gritos, cujos lamentosos gemidos são condigna musica para acompanharem o hediondo repasto dos tigres?

Assim aquelles algozes crudelissimos fizeram soffrer aquella triste esposa, aquella mãi afflictissima mil mortes horrosas em vez de uma, deram-lhe o antê-gosto infernal de todas as torturas que haviam de ser infligidas aos entes estremecidos, que ella ia a esperar no caminho do céu.

Quando a narração chegava ao fim, a alliva marqueza, prostrada, com o coração dilacerado, confessava não poder já supportar tamanhas angustias. Torrentes de lagrimas lhe banhavam as faces, e a triste fidalga, que tão orgulhosa fôra, supplicava que lhe dessem depressa a morte, mil vezes mais doce

do que esta immensa dôr moral encerrada em tão breves momentos.

Então o algoz tirou a capa, e tratou de desempenhar o seu sinistro dever. Em presença da morte, recuperou D. Leonor a serenidade que perdêra por tão justificados motivos. O algoz tirou-lhe dos hombros a capa alvadia, dobrou-a, e mostrou assim ao povo as magras mãos da velha senhora atadas como as d'um scelerado violentissimo.

Ella serena, com os olhos baixos, abstrahida do mundo, deixou-se vendar, deixou que o algoz lhe tirasse o lenço do pescoço, e só então disse: «Não me descomponhas».

Fôra antes atada ao banco fatal por meio de cordas que lhe prendiam a cintura e os pés. Depois o immenso povo, que assistia a este espectáculo, viu ao pallido clarão d'essa manhã d'inverno (eram oito horas e meia da manhã) lampear o ferro do cutello, que ferindo pela nuca, para maior allfronta, o pescoço da marqueza, lhe decepou a cabeça, que ficou ainda pendente, com os seus cabellos brancos, pela pelle da garganta. O algoz mostrou-a ao povo, e depois arrojou-a, juntamente com o corpo, para um lado do cadafalso, cobrindo o cadaver com um panno de tafetá preto. Findára o primeiro acto d'essa horrorosa peça.»

(M. Pinheiro Chagas—*Historia de Portugal nos seculos XVIII e XIX*, pag. 181 e 182.)

Como vemos o supplicio mais cruel, que o *grande* ministro de D. José I reservara á nobre marqueza de Tavora, não fora mencionado na terrivel sentença. E' que a feroz malvadez do tyranno que a maçonaria tomou por patrono, quiz reservar para si o direito de ser elle o principal algoz d'essa *heilmada* tragedia.

*Que torpe e cruel imaginação a que se compraz em inventar uma tão infame tortura*, exclama o snr. Pinheiro Chagas, indignado contra quem ordenou tão barbaro deleite!

Que estúpida cegueira, ou que rebai-xamento de character, dizemos nós, d'esses homens, que, esquecendo tão barbaros attentados contra todas as *noções da moral e da justiça*, attentados que a historia registra com letras de sangue, veem para a imprensa, e em termos bombasticos proclamam o Marquez de Pombal como o primeiro liberal, como o homem que primeiro fizera rodar em Portugal a machina do progresso e da liberdade!

Estúpida cegueira, vergonhoso rebai-xamento da dignidade humana a d'esses homens que, em nome da maçonaria e do liberalismo, pretendem enodoar o solo da patria com uma estatua ao homem que ha cem annos o manchára com o sangue da primeira nobreza, a

quem imputara crimes que só elle fôra capaz de perpetrar.

Eis a maçonaria e o liberalismo! os amigos da humanidade! os que se dizem libertadores de Portugal!

Breve pediremos venia ao snr. Pinheiro Chagas para collocar a terceira pedra.

ELIAS DE SAMPAIO.

## D. RODRIGO DE MOURA TELLES

ARCEBISPO DE BRAGA

Portugal tem sido o reino mais fértil em produzir varões eminentissimos, ou na santidade, ou nas letras, ou nas armas; e não é justo que os seus nomes, dignos pelas suas acções dos mais consideraveis elogios, fiquem quasi esquecidos ao mundo, sepultando a sua memoria no injurioso pó do tumulo.

Não intentamos aqui commemorar aquelles varões portuguezes que com as suas pennas assombraram todo o mundo litterario, nem os que com as suas bem cortadoras espadas sepultaram totalmente a memoria dos Alexandres, Cesares e Annibaes; porque comparados estes heroes com outros, que pela santidade merecem melhor este titulo, reputamos menos importante a falta da noticia das suas acções.

Ninguem com razão poderá negar que os mais merecem o titulo de heroes aquelles que em logar da espada empunharam a disciplina, aquelles que pela saia de malha vestiram o cilicio, e que, desprezando vencer reinos, conquistaram o ceu.

A commemoração d'estes verdadeiros heroes do mundo, melhor se diria ao ceu, é muito conveniente, não só como homenagem prestada ás suas virtudes, mas tambem e principalmente como modelos dignos de imitação.

Os antigos romanos collocavam no Capitolio as estatuas dos grandes generaes e conquistadores, não só para recordarem as acções gloriosas d'esses homens, mas sobretudo para servirem de exemplo aos vindouros.

Tal é tambem o fim porque a Igreja catholica colloca nos altares as imagens de seus filhos benemeritos, e lhes presta culto solemne.

Mas nem sómente são dignos de commemoração aquelles cujas virtudes estão canonisadas pela Igreja; outros muitos varões de virtude teem havido que merecem essa honra, e cujo nome deve ser eternisado.

E' um d'elles o veneravel D. Rodrigo de Moura Telles, Arcebispo de Braga, verdadeiro exemplar de Prelados, do qual todos podem aprender os dictames do bom governo: elle apascentou

as ovelhas do seu grande rebanho com a maior vigilancia e não menor exemplo.

Entre os grandes Prelados que occuparam a cadeira primacial das Hespanhas, tem logar eminente D. Rodrigo de Moura Telles; e, comtudo (não sabemos porquê), o seu nome passa quasi desaperecebido na lista dos pontifices bracarenses.

Falla-se a cada passo n'um D. fr. Bartholomeu dos Martyres, n'um D. Diogo da Silva, n'um D. fr. Agostinho de Castro, n'um D. fr. Caetano Brandão e outros, não mencionando os que estão canonisados; e esquece o nome de D. Rodrigo de Moura Telles.

Não obstante isto, é digno de especial menção o nosso D. Rodrigo, que no seu governo de 24 annos (desde 1704 até 1728) egualou e talvez excedeu em actos heroicos a muitos dos seus antecessores e successores. Moura Telles praticou acções tão sublimes, que é raro vêrem-se em Prelados ainda os mais santos.

Na difficil sciencia de governar almas foi um verdadeiro typo, e a diocese de Braga com justa razão se pôde gloriar de ter possuido este dignissimo pastor.

Sabia D. Rodrigo que, como capitão sagrado na milicia espiritual, a todos havia de preceder guiando-os com o exemplo, e assim cuidou com o maior empenho em persuadir e animar aos subditos, para que vivessem regulados e com o temor de Deus, não só com energia de palavras, mas tambem com a eloquente persuasiva d'um raro exemplo de vida.

Nasceu este insigne varão em Val de Reis, a 16 de janeiro de 1644, sendo seus paes Nuno de Mendonça, 2.º conde de Val de Reis, e Dona Luiza de Castro.

Mas se era tão nobre por nascimento, ainda o foi mais por suas virtudes e zelo evangelico, que esta é a verdadeira nobreza. Consagrando-se ao estado ecclesiastico, desempenhou magistralmente as funcções do seu ministerio, no longo curso da sua vida.

Formou-se na faculdade de canones na universidade de Coimbra, no anno de 1667, e em seguida foi thesoureiro-mór e conego na Sé de Evora, deputado da meza da Consciencia e Ordens, e sumilher da cortina do regente D. Pedro, que depois foi rei, II do nome.

No anno de 1690 foi nomeado e confirmado reitor da universidade de Coimbra por el-rei D. Pedro II. Occupou este cargo por o espaço de quatro annos, admirando-se alli a sua destreza e integridade, a sua equidade, a sua prudencia, o seu conselho, a sua sabedoria, a sua fortaleza, e em todas as cousas a sua discrição.

Em 1694 foi eleito e confirmado Bispo da Guarda, d'onde passou para Braga em 1704. Em ambas as dioceses foi um pastor vigilante e desvelado; mas em Braga é que mostrou com maior brilho os dotes do seu espirito. Affavel com todos, era rigoroso consigo mesmo, de costumes santissimos.

(Continúa).

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

## Secção Critica

### A offerta dos artistas bracarenses à Virgem do Sameiro

Transcrevemos do nosso collega *Commercio do Minho* o seguinte artigo, porque não é de mais tudo quanto se diga a respeito do modo altamente digno como o povo de Braga mostra francamente a sua devoção para com a Rainha das Virgens.

Eil-o:

«Os artistas de Braga, da Braga catholica, da Braga unica, deram hontem um testemunho commovente a não mais do seu filial affecto á Virgem do Sameiro, e a Portugal uma nova demonstração dos sentimentos profundamente catholicos que sempre distinguiram os filhos d'esta capital do Minho.

Não lhes soffreu a fé o permanecerem neutros na porfiosa concurrencia de manifestações com que as diversas classes sociaes teem honrado e projectam honrar Aquella, cuja mão maternal, suspensa lá na cuspide do Sameiro, não cessa de abençoar a sua Braga fiel.

Reuniram-se, organisaram-se, cotisaram-se e resolveram offerter a Maria um preito, embora humilde fosse, da sua rendida devoção para com Ella. Esplendido alvitre, formosissimo pensamento, pelo qual a arte ou a esthetica christã se defronta á arte ignobilmente naturalista e se guinda para as regiões do ideal religioso, o mais fecundo e puro dos ideaes, reconhecendo a Virgem Mãe de Jesus como uma das mais refulgentes inspirações da arte, como um dos mais risouhos archetypos do verdadeiro bello, e por ventura o mais digno, depois de Deus, a que o artista possa consagrar os seus labores plasticos.

Escolheram para offerta o symbolo da cruz. Nenhum mais apropriado, porque a cruz foi a causa final das gloriosas prerogativas que enaltecera a Virgem por sobre toda a creatura e é a synthese de todo o plano divino ácerca da sua predestinação unica; significa a redempção e Maria foi tirada

do nada para ser a Mãe do Redemptor.

A confecção do trabalho artistico foi confiada ao ill.<sup>mo</sup> snr. Manoel Casimiro da Costa, distinctissimo ourives da cidade de Braga. A cruz é toda de fina prata. O seu tamanho, com o sócco que lhe corresponde, mede um metro e seis centimetros. O fuste, igualmente de prata, que a supporta, mede um metro e oitenta centimetros.

E' tão original como elegante a sua fórma. A singeleza dos arnatos allia-se n'ella com o primor do gosto. Occupa um discreto meio termo entre a maior parte d'essas cruzes sobrecarregadas de onfeites gothicos ou de arabescos que caracterisam a tendencia da idade media e dos tempos manuelinos, e as cruzes demasiado despidas do ciclo da arte morta em Portugal.

A linha curva, por melhor adaptada ás bellezas da arte do que a linha recta, domina em todo este trabalho desfazendo, quanto possivel, a aridez monotona da ultima. Tem o toque das obras acabadas, que consiste em nem a vista se cançar de contemplal-as nem lhes surprehender defeito. A haste apresenta uma especie de rendilhado delicadissimo, e tanto a sua parte superior como a trava são todas abertas em elegantes vasados, preenchidos por flores terminando em ponteiras folheadas. Do centro destaca-se em letras d'ouro o monograma de Maria — A. M. A cruz embebe-se em uma esphera que representa o globo terrestre, cuja base é circundada de anjos. O pensamento de assentar assim o symbolo da redempção sobre a figura da terra foi felicissimo, porque traduz com uma perfeita expressão emblematica o motivo da crucifixão do Homem-Deus, a salvação do mundo. Da parte superior d'esta esphera resalhe lateralmente a figura do crescente ou da meia lua, imagem bilingua de Maria, formosa como a lua e por cujo intermedio efficaz se operou a regeneração moral da humanidade. Tanto o globo como o patel em que encaixa descansam n'um largo sócco formado por supportes vasados ou quartelhas dispostas em hexagono e concentricas da parte superior do fuste. No interior d'esta gentilissima peça veem-se, collocados circularmente, seis medallhões que representam as armas do Pio IX que definiu o dogma da Immaculada Conceição, de Leão XIII que enriqueceu o Sameiro com o thesouro das indulgencias da Igreja, do fallecido arcebispo D. José, predecessor do actual, que benzeu a primeira lapide da basilica que no alto d'aquelle monte se está construindo em honra da Virgem; do actual arcebispo de Braga, o Snr. D. João Chrysostomo, que de tão bom grado se prestou á cerimonia da ben-

ção solemne da cruz, finalmente as armas de Portugal, e da cidade de Braga.

Na face anterior do encaixe do fuste lê-se a seguinte inscripção: «Offerta dos artistas de Braga», e na face posterior o nome do artista.

A lavra artistica do snr. Manoel Casimiro da Costa rivalisa pelo acabado com as mais distinctas que a ourivesaria estrangeira nos exporta, preconisa a arte bracarense ou, melhor, portuguesa e sagra o seu eximio auctor com o nome, tantas vezes mal applicado mas n'elle sobejamente justificado, de verdadeiro artista. Esse trabalho deixa demonstrado que não somos rebeldes á esthetica como o faria, ainda mal, suppor a nossa indolencia desvaída em demasia, e que não temos que arreearnos de concorrer com os nossos productos industriaes perante as exposições internacionaes da França ou de Italia. Não são os talentos patrios que faltam ao nosso apreço, mas é sim o nosso apreço, delambido por estrangeirismos, que lhes falta a elles. Quando a arte se eleva por esta fórma constitue um titulo de nobreza mais intrinseca por vezes e portanto mais real que a que dão os pergaminhos chancellados da fidalguia. O elogial-a é um dever para todos aquelles que não entendem que o merito alheio seja a humilhação do merito proprio.

A benção da cruz teve logar no dia 8 d'este, pelas 10 horas da manhã.

Acharam-se presentes a ella os Ex.<sup>mos</sup> Snrs. Governador Civil do districto, Juiz de Direito, Delegado do Procurador Regio, a Camara Ecclesiastica e Civil, Monsenhor João Rebello e o seu seminario, a Associação Catholica, a Associação do Monte-pio de S. José, a Associação Commercial e a Commissão do mesmo nome que ultimamente promoveu a peregrinação ao Sameiro, o Collegio do Espirito Santo, de S. Luiz, dos Orphãos, a Direcção do Asylo da Infancia Desvalida, a Companhia dos Bombeiros Voluntarios e Municipaes, e varios titulares e correspondentes de jornaes. A igreja do Collegio, onde se realizou a cerimonia da benção, estava cheia a deitar fóra.

A' porta principal achava-se postada uma força d'infantaria 8 commandada pelo snr. Capitão Fajardo. Estacionava no mesmo local a banda de musica do dito regimento executando varias peças.

O Ex.<sup>mo</sup> Snr. Arcebispo, ladeado dos senhores conegos Figueiredo e Costa, e revestido de uma riquissima capa d'asperges, procedeu á benção solemne da cruz, que repousava sobre o altar mór.

Terminado que foi este acto, S. Ex.<sup>a</sup> jenuflectiu perante o altar mór e beijou a cruz, depois do que, o Ex.<sup>mo</sup> Snr.



Governador Civil, corpo ecclesiastico e civil e mais cavalheiros convidados fizeram outro tanto.

Então a cruz, encaixada no fuste que lhe corresponde, foi hasteada pelo artista laureado, e o Prelado entregando-a ao presidente da commissão para que a mostrasse ao povo, disse-lhe estas commovedoras palavras: «aqui tem esta cruz que lhe entrego para honra e defesa de Braga».

Assim finalizou esta tocante cerimonia, a que o povo bracarense assistiu com aquelle silencio recolhido e sincera fé que lhe são habituaes em todos os actos do culto catholico.

Honra a Braga! Honra á sua classe artistica!

Só a Roma portugueza sabe dar ao paiz tão frequentes, inilludiveis e brilhantes testemunhos da sua nativa e tradicional religiosidade.

Este povo, aliás tão alegre, folgasão e enthusiastico, não tem que córar das suas festas nem das suas explosões de regosijo publico, porque é a fé que as consagra, que as enobrece e as aureola.

Ao mesmo tempo que outras cidades do reino, onde escassea medonhamente o sentimento catholico, ebricas de devassidão se abandonam a espectaculos, comícios, e prazeres cuja natureza não só profana, mas, a miudo, condemnavel, precipita o adjectivo com que devem ser qualificados, Braga destaca-se d'entre todas ellas, afirma-se com toda a pujança dos crentes convictos, e representada hoje pelo commercio e pela arte, amanhã pela classe operaria e proletaria, depõe aos pés da Immaculada o feudo do seu amor, a flôr da sua alma em enthusiasmos de pura alegria pelos triumphos que conquista no meio dos seus filhos, revendendo com todo o vigor de uma fé que não sabe esfriar, os fóros gloriosos que lhe conferem o titulo que mais estremece, que mais a ufana, o titulo de Roma portugueza.

O Sameiro torna-se d'est'arte o antemural contra o qual vão espedaçar-se os tentamens sinistros dos que tentam em vão arrancar aos bracarenses a urna intacta das suas crenças.

Eu te amo, ó catholica cidade da minha patria, mais digna da antonomasia da cidade da Virgem que nenhuma outra. Tu me edificas e edificas a todos quantos vem, como eu, assistir ás tuas solemnidades, vibrando-lhes a fibra da piedade por vezes arrefecida nos corações, como outr'ora o legislador hebreu feria com a vara a pedra do deserto que se transformava em manancial, e só sinto que a homenagem de admiração que te tributo tenha de circunscrever-se, como óbulo de po-

bre, aos palidos louvores que aqui te deixo exarados.

PADRE SENNA FREITAS.



COISAS! COISAS!

Li ha pouco, e gostei: «O trabalho.—Comerás o pão com o suor do teu rosto.—Genesis.—

—O ocio tem ensinado muita maldade.—Ecclesiastes.—

—O homem nasceu para o trabalho, como a ave para cortar os ares.—Job.—

—Aquelle que não quer trabalhar é indigno de comer.—S. Paulo.—

—Não será cidadão do céu aquelle que amar a ociosidade.—Santo Agostinho.—

—Deus creou o homem para trabalhar; foi por isso e para isso que lhe formou os membros, de maneira que aquelle que vive na ociosidade não obedece ao fim para que foi creado.—S. João Chrysostomo.—

—Quem não aborrecerá o ocio, que torna o homem inferior ás abelhas e ás formigas?—S. Basilio.—

—Não ha virtude sem trabalho.—S. Bernardo.—

—O trabalho é a lei: não queres trabalhar, serás escravo. Não ha tarefa mais pezada, que a ociosidade.—V. Hugo.—»

Sim senhor! Só ha uma coisa peor que a ociosidade, é o trabalhar em perverter os seus irmãos, como está fazendo, para sua desgraça e para desgraça do proximo o ultimo auctor citado.

Victor Hugo e os hugolatrás, apoiadores do gambettismo impio e despotico ouçam o que escreve um jornal muito serio:

«A republica franceza continua a ser o ludibrio das nações.

Os inglezes desprezam a republica e julgam com a maior severidade os seus homens d'estado.

O Standard, n'um artigo que consagra aos recentes acontecimentos, escreve entre outras cousas o seguinte:

«A republica franceza tem tido até agora as nossas sympathias. Porém os inglezes não podem ser afeiçãoados aos politicos que opprimem os povos, nem aos governos perseguidores, qualquer que seja o seu nome.

«Mr. Freycinet diz que a paz reina nas ruas, mas que importa, se não reina nos espiritos?

«A republica caminha de mal para peor; porque despreza arrogantemente os principios da liberdade, moderação e tolerancia, sem o que a sociedade mo-

derna vae cair infallivelmente no despotismo, ou na discolução.»

Tres noticias tristes:—Os habitantes de Jatnay e Rio Bonito, em Goyaz, em represalia aos ataques que tem soffrido dos selvagens das cabeceiras do Araguaia, organizaram um bando de cerca de 200 homens, foram até ás aldeias d'esses indigenas, atacaram-n'as á força de armas, matando cerca de 100 indios e deixando muitos feridos.

Ha quem preflira isto ás missões catholicas!...

Certos jornaes republicanos e socialistas portuguezes não nos deixam mentir.

Foi fusilado em Cordova o famoso criminoso conhecido pelo nome de Taco, em cumprimento de uma sentença do conselho de guerra, por ter opposto resistencia armada, com os da sua quadrilha, á guarda civil. Alem d'isso havia commettido muitos crimes commandando uma quadrilha de ladrões e assassinos. Deos se tenha compadecido de sua alma!

—No dia 31 de outubro, presenciaram os habitantes de Courbevoie, povo dos suburbios de Paris, um espectaculo horroroso.

Elevava-se um balão com a competente barquinha, em que pretendia ascender a destemida aereonauta madame Albertina. A' ultima hora, porém, e desattendendo os conselhos dos amigos, empenhou-se o gymnasta Augusto Navarro' em subir n'um trapezio, fazendo exercicios. Recommendou-se-lhe que ao menos se prendesse ao trapezio, mas o gymnasta não deu ouvidos a ninguem, e o balão foi solto.

Quando este ia na altura de uns 100 metros, notou-se que o artista, flado com as mãos ao trapezio, se não movia. O aereostato continuava ascendendo. A 600 metros de altura, o gymnasta era quasi imperceptivel.

Subito, um grito immenso de angustia irrompeu da multidão. Vira-se que um objecto se desprendera do aereostato. As mulheres occultaram o rosto com os lenços. Passados alguns segundos, a terrivel verdade era de todos conhecida: o gymnasta, exausto de forças, largára o trapezio, e aproximava-se rapidamente da terra, cabriolando pelo ar.

O desditoso foi cair n'umas terras proximas da avenida de Roule. O seu corpo afundou-se no solo cerca de meio metro, ricocheteou e foi parar, informemente deslocado, a uns quatro metros de distancia.

Uma hora depois, descia o balão em plena praça de S. Miguel, em Paris.

Assim se apparece no tribunal de

Deos!... N'este ponto quasi ninguem falla!... Todavia... *unum necessarium*. Importa muito pouco que haja ou que não haja a conspiração do silencio.

*Um arrependido.*—«Sob esta epigraphe, narra *Le Figaro* uma historia cujo protagonista é um sujeito de elevada jerarchia que, fascinado pelas utopias socialistas, combateu ao lado dos soldados da *communa*. Desterrado para a Nova Caledonia, recebeu ali a noticia de que seus paes haviam morrido perdendo-lhe na hora extrema.

Desde esse momento, operou-se em sua alma uma verdadeira metamorphose. O pobre, arrependido, fugia dos seus companheiros de exilio, chorando inconsolavel, quando se encontrava a sós. O seu procedimento heroico durante a insurreição dos indigenas conquistou-lhe as sympathias dos francezes ali residentes.

No seu regresso a França, tomou o habito religioso, e como tal acaba de ser expulso por aquelles mesmos que lhe perdoaram como communista.»

Não o deve estranhar. E' sabido que para os gordos gambetteiros, *voilà l'ennemi*, não se refere aos *communistas*...

Encontramos no *Monitor Catholico* a seguinte abjuração que nos encheu de alegria como nos tem enchido tantas outras que se hão repetido desde ha poucos annos para cá:

«Eu, Jesuino Lemos de Camargo, filho obediente da santa Igreja catholica apostolica romana, declaro publica e solemnemente, que na minha infancia, ignorancia e inexperiencia, me illeei na maçonaria; hoje, porém, convicto de que todas as sociedades secretas são nocivas á salvacão da alma, e tem o anathema do Vigario de Christo, as considero hostis á verdadeira religião que professo. Por este acto julgo-me desligado de todo e qualquer compromisso ou regra, que faça parte do corpo das leis maçonicas. Ouviram esta minha abjuração os meus amigos Luiz Indalecio Ribeiro, Tobias Alves de Andrade, Manuel Gregorio, Francisco José Joaquim de Miranda, Joaquim Bueno de Moraes Sobrinho, Francisco de Paula Pedrozo, Manuel Francisco, Antonio Vicente Ramalho e vigario, Zeferino Nisto Rodrigues Vieira.

Campo Mystico, 27 de Fevereiro de 1880, dia da veneração da tunica de N. Senhor Jesus Christo.

*Jesuino Lemos de Camargo.*»

Lê-se na *India Catholica*, de Bombaim:

«Da ilha de Chypre, onde ultimamente missionava, veio como capellão

do nobre Marquez de Ripon o rev.º P.º Henry Schomberg Kerr, oriundo d'uma das familias mais nobres da Grã-Bretanha...»

—S. Ex.ª R.ª o Sr. Bispo (de Bombaim), alem de assistir ao banquete official em honra do Vicerrei na noite de terça-feira, teve especial convite do nobre Marquez para almoçar com s. ex.ª hontem de manhã...

Diz-se que no primeiro Domingo em que S. ex.ª o vice-rei foi ouvir Missa na capella de Simla, o concurso de povo foi tão grande que não podia caber no edificio, sendo aliás certo que o numero dos Catholicos n'aquella estação é assaz diminuto».

Escrevem a um jornal francez:—«Os chilenos tomaram o vapor americano *Isluga* e estão resolvidos a tomar a escuna colombiana *Tumaco*, que tinha levado material de guerra para Supe. Elles continuam a devastar as provincias septentrionaes do Peru. As magnificas plantações de canna de assucar de Palo Seco e San Bernardo foram incendiadas pelos invasores. Foi tomado todo o gado, assucar, arroz, etc., que havia na villa de Pueblo Novo, e a villa incendiada. A alfandega e outras casas publicas tambem incendiadas.»

Ainda de maiores horrores que estes nos deram conta ha pouco tempo os jornaes da America.

No entanto são republicas que se combatem, e os republicos são paisanos na terra dizem por ahi certos senhores nos *curios superiores* (!) e n'outras partes!

UM VIMARANENSE.

## Secção Litteraria

### VICTOR

ou

ROMA NOS PRIMEIROS TEMPOS DO CHRISTIANISMO

PELO P. F. GAY

Tradução do Padre Lima

#### CAPITULO V

#### Um sacerdote dos christãos

(Continuado do n.º antecedente)

Victor não se enganava. Um calor excessivo e suffocante vaticinava a procella, e esta, que se preparava formidavel, estava prestes a estalar. Já se ouviam ao longe os prolongados estampidos dos primeiros trovões; já se desencadeavam e estralavam os ventos; já se encurvavam, gemendo as flores, e reinava por toda a parte uma commoção terrivel.

—Andai depressa, depressa! disse

Victor a seus escravos, debruçando-se sobre a portinhola da liteira.

Debalde, porém, os que o levavam, arquejando e banhados em suor, apertavam o passo: passados momentos um torvelinho de espesso pó se revolvia no meio da campina, e na sua passagem açoutava e quebrava as arvores com fragor horrivel.

Nem Victor, nem os escravos que o acompanhavam haviam presenciado já-mais tormenta tão desfeita.

—Parai! gritou Victor; e immediatamente saltou fora da liteira. Olhai se haverá por aqui perto algum sitio, em que possamos abrigar-nos!

Um dos escravos subiu então a um cômodo que havia perto do caminho, e disse que pouco distante lobrigava uma casinha, aonde provavelmente poderiam recolher-se.

Sem vacillar um momento nem dizer palavra, o senhor e os escravos deitaram a correr para o sitio, que se lhes havia indicado, e chegaram á porta d'uma casa de mesquinha apparencia, mas capaz de dar-lhes abrigo durante a tempestade.

Todo o tempo foi preciso. Grossas gotas de chuva cahiam já, impellidas fortemente pelo vento, e as cataratas do céo pareciam abrir-se para inundar, ou antes, assolar os campos.

Victor bateu á porta, que pouco tardou em abrir-se. Um homem de avancada idade, de barbas brancas e pobremente vestido appareceu ao limiar da porta e disse-lhe:

—Entra, nobre romano: tenho immenso prazer em dar hospitalidade a ti e aos teus, até que passe a tormenta.

E acto continuo lá se arranjou de modo que todos podessem caber e accommodar-se.

(Continúa).

## Retrospecto da quinzena

O facto mais importante da quinzena e que gostosos transmittimos aos leitores é a nomeação para Arcebispo de Goa e primaz do Oriente, do Ex.º e Revd.º Sr. Dr. Antonio Sebastião Valente, ha pouco elevado por S. Santidade a Monsenhor e Protonotario Apostolico, lente cathedratico da Universidade de Coimbra, etc.

O ministro que faz uma tal nomeação, que cremos será confirmada immediatamente pela Santa Sé, bem merece dos povos a cujos destinos preside e de fructo devem ser as benções que os povos do vastissimo primado portuguez no Oriente façam cahir sobre si.

Os catholicos de Goa, apoz a morte do nunca esquecido Arcebispo D. Ayres de Ornellas e Vasconcellos, dirigiram fervorosas preces ao Todo Poderoso pa-

ra que lhes dêsse um prelado digno de substituir o que perderam; Deus escutou essas orações inspirando o governo portuguez para que nomeasse o Ex.<sup>mo</sup> Dr. Valente.

Mas, o que são as cousas d'este mundo! nem todos os portuguezes applaudiram a acertada escolha do governo!

Das casuas maçonicas sahii um grito medonho, estrondoso, terrorífico, que fez de medo estremecer o mundo inteiro, e mais mundo estremecera, se mais mundo houvera! Esse grito foi transmitido de um a outro extremo da Lusitania pelo *Conimbricense!* E' um protesto da Associação Liberal, de Coimbra, contra a justa nomeação que o governo acaba de fazer. E esse protesto, que nós quizeramos aqui transcrever todo é, a mais honrosa recommendação que aos pés de Sua Santidade Leão XIII, podem fazer os povos que desejam a confirmação do sabio e virtuoso dr. Valente para arcebispo de Goa. Sim, senhores liberaes de Coimbra; com o vosso protesto mostrastes a Portugal e ao mundo catholico as altas virtudes, os notaveis merecimentos que tornam o dr. Valente digno do alto cargo para que fôra nomeado, e mal iria ao governo se nomeasse para arcebispo de Goa um padre que fosse digno dos vossos encómios, que com certeza teria de passar pelo desgosto que passou o que nomeara para bispo do Algarve o ex.<sup>mo</sup> Dr. Ayres de Gouveia.

Nós, que conhecemos quanto vale o distincto lente da nossa universidade, podíamos dizer aos leitores quaes as suas virtudes, pelas quaes é digno dos mais altos cargos ecclesiasticos, mas deixemos aos membros da Associação Liberal, que melhor deve conhecer S. Ex.<sup>a</sup>, porque vive na mesma terra, o encargo de apresental-o tal qual é. Eis alguns considerandos do protesto da mesma Associação:

«Considerando que o dr. Valente é jesuita, ou pelo menos seu familiar, auxiliar, representante e instrumento, em Coimbra, da odiosa companhia de Jesus, e foi mandado para Coimbra, e calculadamente introduzido na faculdade de Theologia da Universidade pela mão occulta dos jesuitas;

Considerando que o dr. Valente é não só jesuita de facto, mas tido e havido aqui e conhecido por todos os liberaes como o padre mais intolerante, mais reaccionario e mais ultramontano de quantos residem n'esta cidade, e difficilmente se encontrará em Portugal quem mais e mais abertamente o seja, e se mostre instrumento passivo dos discipulos de Santo Ignacio de Loylla.»

Parentes, senhores, não ponham mais, que é isto de sobra. Estes senhores não sabem que o liberalismo está condemna-

do pela Egreja, e que um padre do liberalismo não pode ser bispo?

E deviam sabel-o porque os signatarios do protesto são homens de reconhecida illustração, e tanto que vamos aqui deixal-os para eterna memoria.

Eil-os:

«Dr. Manoel Emygdio Garcia.  
Miguel Archanjo Marques Lobo.  
Joaquim Martins de Carvalho.  
Abilio Roque de Sá Barreto.  
Alberto Pessoa.  
Manoel José da Cunha Novaes.  
Frederico Pereira da Graça.»

Ahi ficam! Se um dia um governo, farto de aturar as palhaçadas dos liberaes, se lembrar do mandar edificar um hospital de doudos, e os nossos leitores, visitando-o, encontrarem lá estes senhores não estranhem. O firmar um documento como este de que nos occupamos, em paiz de gente de juizo, é carta franca para um hospital de doudos.

Em todo o caso, e ainda que peze á Associação Liberal, agradecemos ao governo tão acertada escolha, damos os parabens aos povos do Oriente, e, porque temos a certeza de que a confirmação de Roma se não fará esperar, curvamo-nos reverentes para saudar d'este lugar o novo arcebispo de Goa, D. Antonio Sebastião Valente.

Emile de Girardin, o mais antigo dos jornalistas francezes, esse homem que redigiu varias folhas, que publicou uma variedade de obras litterarias e em todas ellas dava mostras de um livre pensador, d'um homem das *ideias modernas* acaba de fallecer, tendo-se antes reconciliado com a Egreja de Jesus Christo.

Emile de Girardin entretera sempre intima amizade com um dos veneraveis parochos de Pariz, que, visitando Girardin na sua doença, o advertiu de não deixar para o ultimo momento o pôr-se em paz com Deus! A's quatro da manhã era chamado o reverendo sacerdote alludido, que correu pressuroso, e achou o doente em disposições taes que lhe administrou todos os sacramentos! Mais tarde era visitado por alguns amigos, que o encontraram de mãos postas e chorando penitente e cheio de gôzo! Que tendes?... Estou reconciliado com a Egreja de Deus! E n'estes sentimentos entregou a alma ao Creador ás 8 horas da manhã!

Ahi fica mais um exemplo que deve servir aos homens do *livre pensar!*

Querem os leitores saber o que são ainda hoje os conventos de frades onde existem, e o que eram em Portugal antes das luzes do seculo presente os devorar? Leiam o que diz a *Gazeta da*

*Turde*, folha do Rio de Janeiro, e que não pode ser suspeita de carolismo:

«O mosteiro de S. Bento, d'esta corte, tem as seguintes aulas: Portuguez, grammatica philosophica, latim, francez, inglez, geographia, historia, mathematicas elementares e philosophia; são professores os seguintes senhores: de francez, Francisco do Nascimento Guedes e Dr. Ladisláo Netto; inglez, conselheiro Pedro Leitão da Cunha; latim, Frei Manoel de Santa Catharina Furtado; geographia e historia, Antonio Pereira Leitão; philosophia, Frei Saturnino de Santa Clara Antunes de Abreu; mathematicas, Dr. Alfredo Coelho Barreto e Dr. Manoel Francisco Corrêa Leal; grammatica philosophica, Francisco do Nascimento Guedes; portuguez, Joaquim Januario de Sá Barbosa e Eduardo Luiz Cordeiro.

As aulas foram instituidas por Frei Luiz da Conceição Saraiva, no anno de 1855, quando então era abbade do mosteiro da côrte. Este virtuoso sacerdote falleceu no Maranhão, (aliás na Bahia) na qualidade de Bispo d'aquella diocese, no anno de 1876.

O mosteiro conta, presentemente, cêrca de 600 alumnos, os quaes recebem educação gratuitamente. N'este numero estão incluídos 50 alumnos internos, aos quaes, lhes dá o mosteiro casa e sustento, tambem gratuitamente.

O mosteiro soccorre a 200 familias pobres, todos os mezes, sendo que muitas vivem em casas pertencentes ao mesmo mosteiro, sem pagarem aluguel.

As mesas dos seus refeitórios são francas, todos os dias, á probeza.

E d'aqui se vê que nem tão ruins são, nem tão inuteis, como por ahi dizem os Voltaires das ruas e os democratas do charuto ao canto.»

Se algum dos membros da *Associação Liberal* nos mostrar algumas das suas instituições que tanto aproveitem á humanidade damos-lhe... uma arrufada, das melhores que se fazem na Couraça de Lisboa.

Poucos dias antes de ser lavrado o protesto dos medicos de Paris contra a lei que mandava sahir dos hospitales as irmãs de caridade, e que nós transcrevemos n'este lugar, havia sido feito um outro protesto assignados por seis medicos, concebido nos seguintes termos:

«Snr. Director Geral.

«O Conselho de Vigilancia acaba de resolver a substituição das *Irmãs de Caridade* por empregados *leigos*.

«Lamentamos que se tomasse semelhante resolução sem primeiro ter sido consultado o Corpo medico dos hospitales.

«Sobretudo lamentamos a decisão, em si mesma.

«As Irmãs deram já as suas provas; somos testemunhas oculares da sua dedicação para com os doentes, da ordem e arranjo em que sempre têm as enfermarias. Mas o que nós ignoramos é o que serão as pessoas que lhe querem substituir.

«Por isso a despedida das Religiosas seria uma imprudencia e uma engratidão.

«Pela nossa parte não queremos associar-nos a taes sentimentos accetando tacitamente o facto que se quer consumir.

«Dignai-vos acceitar, snr. Director Geral, a expressão de nossa respeitosa consideração.»

Assignam este protesto os seguintes medicos:

*Deleus*, cirurgião do hospital Tenon, *Henrique Huchard*, *Rendu*, *Sevestre*, *Straus*, *Temessou*, medicos do hospital Tenon.

A Virgem do Sameiro depois de ter recebido o preito de filial affecto de todas as classes da sociedade bracarense, vae tambem ver a seus pés uma commissão de meninas, que vão offerter-lhe 6 cotas para servirem nas suas festividades.

As innocentes creancinhas officiarão á commissão dos artistas para que as deixasse ir em sua companhia quando for offerter á Santissima Virgem a esplendida cruz. Perdidos, como somos, por creanças, desejos nos não faltam de ver o officio que estas formosas filhas de Braga dirigiram aos artistas. Queriamos ver como a innocencia requeria uma graça, que ninguem podia negar-lhe.

Beijamos-vos a todas em espirito candidas devotas da Virgem Immaculada, e rogamos-vos nos recommendeis om vossas innocentes orações A'quella de quem vos lembrasteis em meio dos vossos folguedos infantis.

Recebemos o relatório e contas da Associação de Jesus, Maria e José, do Porto no anno de 1880, e por elle vemos o estado prospero d'esta piedosa instituição e os beneficios que d'ella auferem as creanças que frequentam as aulas por ella creada.

Que Deus continue a abençoar tão sympathica instituição é o que deveras desejamos.

Findamos com uma noticia que deve fazer saltar contente o coração de todos os catholicos, e principalmente dos catholicos portuguezes.

Ha ideia de erguer no mais alto da serra de Santa Catharina, sobranceira a esta cidade, e perto do sitio onde a

natureza edificára o templosinho que os homens aproveitaram para venerar n'elle a Mãe de Deos, uma estatua ao Pontífice da Immaculada e do *Syllabus*, ao immortal Pio IX!!

A alta serra onde se vae erguer o monumento fica fronteira ao Sameiro, ver-se-hão os dois monumentos um ao outro.

A realizar-se, como esperamos, tão arrojado plano, ficará a provincia do Minho com dois monumentos grandiosos: um elevado á Rainha dos ceos e da terra; outro erguido ao maior vulto do seculo dezenove. O primeiro coube a Braga o erguel-o e assim devera ser, que é a rainha d'esta bella provincia; o segundo caberá a Guimarães, que, ainda que atraz, deve acompanhar a sua visinha nos planos gigantes de sua fé o patriotismo.

J. DE FREITAS.

A pedido de muitos dos leitores do *Progresso Catholico* foi impressa em um folheto, verdadeira edição de luxo, a REPRESENTAÇÃO CONTRA OS JESUITAS, publicada no nosso numero anterior.

Empenhem-se todos por espalhar-a, que vae n'isso a gloria de Deos.

### Secção para rir

O feitor d'uma propriedade de grande rendimento, que uma senhora de Lisboa possui na provincia, foi á capital e hospedou-se em casa da proprietaria da quinta que administrava. Era no inverno, e por tanto estavam abertos os theatros.

O nosso homem ia a Lisboa pela primeira vez, e desejava ver tudo, incluindo n'este tudo os theatros, etc., etc.

Ao outro dia da chegada foi ao theatro de D. Maria, comprou logar, entrou, sentou-se e principiou de admirar a casa primeiro, depois as formosuras femininas que ornamentavam os camarotes e por fim a musica que annunciava o principio do espectáculo.

O homem estava de bocca aberta, como é costume dizer-se.

Levantou-se o panno. Entrou em scena um homem e uma dama que tomaram cadeiras e se sentaram junto um do outro em animado dialogo. N'isto o bom do aldeão levantou-se, sahio e dirigiu-se a casa.

—Então já vem embora?—perguntou-lhe a dona da casa.

—Eu já vi a casa, gostei muito da musica, e não menos das damas que estavam ás janellas.

—Mas não viu o melhor, aquillo a

que lá foi, o espectáculo, que deve estar a principiar!

—Não sei, minha senhora. Eu estava muito contento e lá estaria até que me mandassem sahir, mas como vi levantar um grande reposteiro, apparecer um homem e uma senhora, que principiam a fallar um com o outro, e julgando que elles estariam a fallar em negocios importantes e não querendo passar por mal educado retirei-me.

—Havia em Sainte-Opportune, diz Tallemant des Reaux, um cura que dizia, ao fazer a pratica, que para a quaresma daria ervilhas a todos os maridos que se não deixassem dominar por suas mulheres.

Interrogando todos os seus freguezes nenhum havia merecido o premio. Appareceu-lhe um resolvido a ganhar o prometido. O cura, interroga-o longo tempo, e dá-se por vencido. Aqui tem as suas ervilhas, diz o parcho; mas o que você devia fazer era procurar um sacco maior. O' snr. abbade, respondeu elle, eu bem queria, quem se oppoz foi minha mulher.—Olá, meu amigo—pela bocca morre o peixe—ponha já para ahi as minhas ervilhas!...

—Um jornal chileno narra o seguinte episodio e diz se ter dado na batalha de Chorillos:

«Muito esforço empregaram cincoenta de nossos mais valentes soldados, para derribarem um coronel peruano, que imperterrito se mostrava sobre as trincheiras inimigas.

«Parece um director impassivel dos cruentos fogos, que, atravez das trincheiras, se dirigiam contra os nossos soldados, e não havia quem se não admirasse de ver a perfeita serenidade com que se conservava exposto ás balas. Houve um intervallo. A nossa gente não sabia o prejuizo que havia tido o inimigo, occulto, como estava, por traz das trincheiras, á excepção do coronel. Os nossos haviam tido grandes perdas, e de repente resolvem-se a assaltar as trincheiras, o que de facto fizeram, dando cabo de todos os peruanos.

«E o coronel?

«O coronel permanecia ainda no seu posto, immovel, impassivel, e desafiando os chilenos com sua tranquillidade.

«Enfurecidos, os nossos soldados, lançam-se sobre elle, gritando:

«—Renda-se meu coronel!

«E o coronel calhe todo despedaçado.

«Era um coronel de madeira!»

IMPRESA COMMERCIAL

DE

SANTOS CORREA & MATHIAS